

## **Nota do autor**

As histórias aqui narradas nasceram de experiências reais, nos caminhões de coleta de lixo domiciliar, varrição, turmas de roçadeira mecanizada, mutirões e nas gerências que passei, enfim nos bastidores de uma profissão muits vezes invisível, vivida e testemunhada ao longo dos anos.

Por respeito à privacidade das pessoas envolvidas, alguns nomes e apelidos, características e detalhes foram modificados.

Em certos momentos, a memória também se mistura com a arte de contar histórias — afinal, toda boa crônica carrega um pouco de realidade e um pouco de imaginação.

Algumas são engraçadas. Outras são duras.

Se você rir em algumas partes e refletir em outras, então essas histórias terão cumprido seu papel.

## **Homenagem aos professores que cruzaram o meu caminho**

Uma coisa que aprendi com meu pai foi a dar honra a quem tem honra, e por isso não poderia deixar de registrar aqui a minha gratidão aos professores que fizeram parte da minha caminhada.

Começo agradecendo ao professor e mestre Anderson Moraes, por todo o aprendizado — principalmente pelo que me ensinou para a vida. Foi uma lição que transcendeu os ensinios acadêmicos e que acabou semeando algo muito maior: o que viria a se tornar um projeto e um propósito de vida, numa época em que eu ainda apenas pensava em criar um jogo. Ainda que tenhamos nossas diferenças — você torce para o Botafogo e eu para o Vasco da Gama — pouco importou pois só fez aumentar ainda mais a minha admiração por ti. Espero poder vê-lo naquele dia, seja em uma apresentação ou mesmo na formatura (essa ainda vai demorar um pouquinho, mas vai sair, em nome de Jesus!). Registro aqui minha admiração, carinho, respeito e gratidão por tudo o que você me ensinou, dentro e fora da sala de aula.

Aquele abraço! Temos que tomar aquele cafezinho...

Também não posso deixar de mencionar a professora e mestra Jéssica Coelho, das aulas de Cognição e suas tecnologias. Foi um acidente? Um encaixe nessa turma em cima da hora? Ou simplesmente a mão do destino? Vai saber... Pouco importa. Deixo também aquele abraço aos colegas de turma da FEBF, vocês são brasa mora, bicho! rrsrsrs E como foi importante todo o conteúdo e aprendizado que obtive ali, e principalmente o gatilho que foi destravado: o start para uma nova skill desbloqueada — o “modo escritor”. E não apenas escrever, mas refletir sobre algo muito mais profundo:

“como esse texto me afeta?”, “Como problematizar isso?” e “Quem eu era antes de escrever esse texto e quem eu sou agora?”

No início até fiquei meio perdido ali na sala. Eu já estava acostumado com linhas de código em C#, cálculos, funções e fórmulas. Mal imaginava o que viria pela frente, pois já não estava mais acostumado a escrever tanto assim — no papel e caneta, e não foi pouco.

Mas ali já vinha sendo moldado algo que estava em fermentação há muito tempo e que precisava sair.

E foi por meio da escrita que, com a sua ajuda, professora Jéssica — praticamente pegando na minha mão e dizendo “vai por aqui” — esse caminho começou a se abrir. E aqui estou. Muito obrigado!

Deixo também um grande abraço às professoras e mestras Thilene Falcão (mãezona) e Adriana Sicsu (mãezona ao quadrado), à minha professora premiada Renata Couto, à professora Rosana da Paz e a já aposentada Dilza.

Meu agradecimento também aos professores e mestres Maurício Antolin, Carlos Lemos, Marcello Porto, Carlos Sicsu, Denis Cople, Ricardo Quintão, Frederico Sauer, Maximiniano Correia, Leonardo Boia (“bóri — barra — bóri”) e ao professor Eugênio, que sempre lembrava: “é elegante deixar o código enxuto”. Professor muito fera no ensino!

Peço perdão se, naquele momento, eu não consegui alcançar o desempenho esperado por alguns de vocês. Mas posso garantir: eu não desisti.

Também não posso deixar de fora Gisele Batalha, Mário Monteiro (que escreveu a verdadeira bíblia dos computadores), André Cotelli, Catiúscia Borges, David Zanette, Lincoln Faria, Marcelo Duarte, André Sobral, Wagner Xantre e Neury Cardoso.

Lembro também do professor Heitor, com o seu clássico:

“Matéria dada, filhão... tá no caderno!”

Do professor Adriano Manda e da mais recente, minha querida professora, amiga e irmã em Cristo Jesus: Vivian, de Massoestética, que por diversas vezes disse algo curioso:

“Você deveria fazer filosofia...”

Talvez ela estivesse enxergando algo que eu ainda não via.

Também deixo aqui minha gratidão aos professores do Colégio Estadual República do Peru (1999 - 2001, da Escola Municipal Olavo Josino de Salles (1995 - 1998) e da Escola Municipal Barão de Macahubas (1990 - 1994), assim como às diretoras Sônia e Arina . Se eu esqueci de alguém , me perdoem! Aos demais, minha eterna gratidão a todos vocês.

## **Trabalhando com o Gaguinho**

No dia seguinte, me colocaram para trabalhar com o Gaguinho. Eu até gostava de trabalhar com ele. Com calma, passei a compreender o que ele falava. Nas primeiras horas foi um trisquinho complicado, mas depois peguei a manha. Também entendi que, a princípio, ele não era de falar muito — e eu respeitava isso.

Depois de um tempo, comecei a perceber o significado daquela frase clássica:

— Vou ali rapidinho e já volto.

Com o passar dos dias, continuaram me deixando trabalhar com ele. E, quando pegou confiança em

mim, passou a chamar:

— Vamos ali tomar uma água.

— Mas, Gaguinho, dentro do shopping tem bebedouro...

— Mas essa água não tem graça. Não é essa que eu bebo. Só vem comigo, novato. (Claro que, na pronúncia dele, era diferente.)

— Ah... tá!

Foi ali que comecei a entender o porquê dos olhos vermelhos.

## Meu primeiro mutirão

Meu primeiro sábado. Mal cheguei à gerência e entrei na sala dos encarregados para bater o ponto

quando ouvi o Melodia falar:

— Hérnias... hoje tu não vai com o Gaguinho, não. Hoje tu vai no mutirão.

(Me chamou pelo nome, mas daqui em diante é Hérnias de Vinil. Meu alter ego.)

— Ok... mas o que é isso?

— Mutirão é quando sai um grupo pra resolver uma demanda. Às vezes urgente, às vezes só pra fazer

figuração e alguém sair bem na foto. Você é político, já deveria saber disso.

Rimos horrores.

— Sem problemas — respondi, ainda rindo.

No mutirão estava uma galera boa de trabalho: Rato, Leire, Boca de Lata, Big Field, Gato Mole,

Dançarino, Peixeiro e Tripa Seca. O local era atrás do shopping.

Rato era gari cascudo, das antigas. Conhecia tudo. Entendia muito de “se virar na rua”.

Cuiabá já alertou logo:

— Ó... nada de ficar pedindo, hein!

Antes que o eco da advertência morresse no ar, Rato soltou, quase como um hino:

— Deixa o meu cavalo andar...

Pense num filho de cego...

O Rato consegue ser pior.

Eu observava tudo e só sabia rir. Não passava ninguém sem que ele emendasse um:

— Abençoa, madrinha!

— Abençoa, meu padrinho!

De repente, ele avistou um rosto conhecido pela janela e bradou em alto e bom som:

— É daqui, madrinha, que estou sentindo esse forte aroma de café Pilão que acabou de ser feito?

— É sim, meu afilhado! Espera só um pouquinho, tá?

Cuiabá não sabia onde enfiar a cara.

## Continuação do mutirão

A madrinha veio forte, com uma travessa de torradas e aquele café cheiroso cujo aroma atravessava

quarteirões. Já chegou quase brigando com o encarregado, chamando ele na chinxa:

— Ó, deixa o meu afilhado e os meus meninos se alimentarem. Saco vazio não para em pé! Vai andar

e fazer anotações do que precisa ser feito. Tá cheio de sofá pelas ruas, bueiro obstruído...

— Calma, senhora, eu vou deixar eles à vontade.

Fitou o Rato e concluiu:

— Rato, preciso que sejam feitas as três ruas.

Rato nem piscou:

— Vou fazer melhor contigo então: faço as três ruas e mais a Rua Bispo Lacerda toda. A hora que a

gente acabar, podemos ir embora?

— Se tu fizer tudo isso que tu falou, e sendo um serviço de excelência, podem ir embora a hora que

acabarem. Fechado?

— Fechado! — respondeu o grupo num só coro.

— Poxa, chefia... quando foi que eu deixei furo contigo? — disse o confiante Rato.

A madrinha ainda fez uma breve oração por nós. E fomos que fomos.

Era animação. Era alegria. Era um tal de “calcanhar bater na nuca” que contagiava. O serviço não

voou... deslizou.

Chegamos na gerência às 9h40.

Nem o gerente acreditou. Rodou de carro por todas as ruas — duas vezes — para conferir.

Depois desse dia, ficaram escassos os “acabou, vai embora...”

## **O gari é invisível?**

Uma coisa que passei a observar — e depois tive certeza — é que o gari, muitas vezes, é invisível.

Algumas pessoas andam tão distraídas que chegam a esbarrar no gari ou no carrinho de lixo. Outras pedem informação sem nem sequer dizer um bom dia.

Não faço por mal. Mas aprendi a responder só depois do cumprimento. Porque debaixo desse uniforme tem uma pessoa. Certa vez aconteceu assim:

— Ei, moço, onde fica a Rua Capitão Sampaio?

— Bom dia — cumprimentei, todo solícito.

— Mas a Rua Capitão Sampaio? — insistiu a pessoa.

— Bom dia? — retruquei, já em tom interrogativo.

— A rua, moço...

— Bom dia!

A calma já começava a ficar escassa.

— Ah! Desculpa... bom dia. Onde fica a Rua Capitão Sampaio, por favor?

— Depende da numeração. Se for inferior a 200, precisa dar a volta, porque o acesso é do outro lado do viaduto. Se for superior, é só seguir essa rua à direita. Tenha um bom dia.

Caiu um braço? Custou um rim dar um bom dia?

Talvez o gari não seja invisível.

Talvez algumas pessoas é que estejam olhando pouco.

De um lado, gente que não dá bom dia.

Do outro, gente que esquece que também representa o uniforme.

No meio disso tudo... está a rua. Assistindo.

## **O gari mal-educado**

Tem gari mal-educado?

Claro que tem.

Cheguei a trabalhar com um que vou chamar aqui de Bicudo. Só faltava cuspir marimbondo.

Rapaz... pense num cabra azedo. Esse era o Bicudo.

Era tão complicado que até o superintendente passava de lado quando via ele de longe.

Tinha uma energia que fazia até criança estranhar sem saber por quê. A vizinhança reclamava. Já tinham ido na sede algumas vezes por causa dele. Assistente social conversava, gerência orientava... mas parecia que nada entrava.

Bicudo vivia dizendo:

— No dia que eu me aposentar, nunca mais volto aqui nem pra dar tchau.  
E cumpriu.  
A carta da aposentadoria chegou numa quarta-feira.  
Na quinta ele já não apareceu mais.  
Dizem que na rua onde ele varria até comentaram aliviados. E o mais curioso: depois da “comemoração”, os próprios moradores varreram a rua.  
Mas a vida tem dessas ironias.  
Parece que ele não se preparou direito para a aposentadoria. Pouco mais de dois meses depois, voltou à gerência tentando retornar ao trabalho.  
Não foi recebido.  
No máximo ouviu da janela:  
— Diz pra ele que agora não tem mais o que fazer.  
O uniforme não faz ninguém grande.  
O que a gente constrói todos os dias é que fica.  
Respeito é uma poupança silenciosa.  
Ou você deposita... ou um dia descobre que está zerado.

Chegamos ao fim desta leitura de cortesia. **O café acabou...**

**Mas a história, não.**

Esperamos que estes primeiros capítulos tenham feito você sorrir, imaginar e querer descobrir o que vem pela frente.

Quando estiver pronto...

As Crônicas do Galante Hérnias de Vinil Volume 1 estarão esperando por você.